



Jornalismo Literário: análise de reportagens de José Hamilton Ribeiro na revista Realidade¹

Angélica Fabiane Weise²
Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC)

Resumo

Este artigo busca identificar as características do jornalismo literário em reportagens produzidas pelo jornalista José Hamilton Ribeiro para a revista Realidade no seu primeiro ano de existência. Para isso, analisa três reportagens publicadas no período correspondente da publicação. Como base teórica utilizou-se uma revisão bibliográfica sobre literatura, jornalismo, jornalismo literário e o seu surgimento tendo como referências autores como Felipe Pena, Vitor Necchi, Sergio Vilas Boas. Além disso, o artigo trás conceitos, características do jornalismo literário, para então fazer a análise das reportagens. Do ponto de vista metodológico foi usada a análise de texto para esmiuçar o conteúdo e a identificação das características do jornalismo literário nas reportagens analisadas. E chega à conclusão que há traços de características de jornalismo literário nas reportagens estudadas.

Palavras-chave

Jornalismo; Jornalismo literário; revista Realidade; José Hamilton Ribeiro; reportagem.

1 Introdução

O jornalismo é fato da realidade. A literatura, da realidade somada à ficção. O jornalismo literário, logo, é uma miscelânea de ambos. Cumpre a missão de informar, preservando a essência jornalística, porém com ganho em vocabulário, estrutura narrativa e aprofundamento de conteúdo. Esse trinômio alicerça e ornamenta o texto que é levado ao leitor. Se o jornalismo, enquanto retrato fiel da realidade inspira a literatura, esta, em escala menor, também acresce ao mesmo.

O jornalismo literário traz consigo não só uma notícia, mas também uma história. A informação ganha companhia de adjetivos, personagens, enredos, histórico do assunto e contextualização que não teriam oportunidade de ganhar vida no cotidiano jornalístico. Por suas particularidades, exige talento, dedicação e grande capacidade de

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 30 de maio a 01 de junho de 2013.

² Jornalista formada pela UNISC (Universidade de Santa Cruz do Sul). E-mail: angelicawaise@hotmail.com



empatia por parte de quem o pratica, afinal a humanização, que é arte de tornar mais real o fato, geralmente está no DNA deste modo de fazer jornalismo.

A partir disto, este artigo buscou encontrar as características fundamentais do jornalismo literário em parte da obra daquele que é considerado um dos principais expoentes brasileiros, senão o principal na arte de unir jornalismo e literatura: José Hamilton Ribeiro. Para tal, foram analisadas três reportagens executadas por este e publicadas na revista *Realidade* no seu primeiro ano de existência.

2 Conceitos e características do jornalismo literário

Para situar o jornalismo literário parte-se para o seu conceito propriamente dito. Mas, antes de conceituar é importante ressaltar que muitos são os pesquisadores que definem jornalismo literário e cada um escolhe um conceito diferente.

A definição utilizada pelo pesquisador Eduardo Rocha (2003) é de “a especialização jornalística que utiliza as técnicas e a linguagem literária para relatar os fatos”. Assim o jornalista, a partir de um fato, de uma notícia, acontecimento, escreve uma reportagem com mais profundidade, utilizando técnicas da literatura que deixam o texto mais completo, com detalhes, descrições e, conseqüentemente, mais envolvente e sedutor de se ler.

Entende-se por jornalismo literário como o trabalho do jornalista que consegue extrair com profundidade os diferentes ângulos da notícia, captando muitas vezes informações que não chegam a ser vistos ou ouvidos por telespectadores e leitores. Por isso, o trabalho jornalístico do repórter em aprender e compreender a notícia com a maior sensibilidade possível. E esse gênero pode ser entendido como:

É um tipo de jornalismo em que, basicamente, leva-se em consideração a imersão do repórter na realidade, a precisão de dados e observações, a busca do ser humano por trás do que se deseja relatar e a elaboração de um texto (para jornal, revista, internet, televisão ou cinema) que permita que a história venha à tona por meio de uma voz autoral e de um estilo. (CASATTI, 2006, *online*).

Edvaldo Pereira Lima (1993) acredita que apesar das diferenças do jornalismo para a literatura, os dois podem se encontrar, ou melhor, se encontram, gerando assim diversas interpretações e construções de textos. O jornalismo literário pode oferecer ao leitor um texto com informações completas, mas de maneira mais aprofundada e linguagem poética, o que pode prender ainda mais a atenção do leitor.



Outro escritor a discutir este gênero é Alceu Amoroso Lima (1969). Ele afirma que identifica o jornalismo como um gênero literário e estabelece o jornalismo como a profissão de informar o cidadão e chega ao seguinte conceito envolvendo a literatura:

Sendo literatura, por se enquadrar dentro da definição dessa atividade humana, não se confunde com qualquer outro gênero literário, distinguindo-se deles pela marca específica de ser uma apreciação em prosa dos acontecimentos. (LIMA, 1969, p. 64).

Para identificar o jornalismo literário, as características apontadas por alguns pesquisadores se tornam relevantes. Felipe Pena (2008, p. 13) aponta algumas características que ele convencionou chamar “*estrela de sete pontas*”. Segundo Pena, qualquer uma dessas características utilizadas no texto já faz parte do jornalismo literário.

Potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do *lead*, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos. (PENA, 2008, p.13).

As características presentes no jornalismo literário são várias, e dentre elas, a captação participativa, na qual o jornalista acaba interferindo no destino da história, a dificuldade de discernir ficção da realidade. Permite-se, neste caso, o uso de personagens e situações que não existe, uso do narrador na primeira pessoa, fornecendo maior legitimidade às histórias contadas (CZARNOBAL, 2003). Estas são algumas características. Cabe a cada jornalista optar pela que lhe convém melhor na construção do seu texto.

As características apontadas por Czarnobai são semelhantes às que Lima (1993, p. 52) destaca como a “imersão do repórter na realidade, voz autoral, estilo, precisão de dados e informações, uso de símbolos inclusive metáforas, digressão. Modalidade conhecida também como jornalismo narrativo”. Como por exemplo, a imersão do repórter no destino da realidade vai muito da opinião do jornalista.

Ao apresentar as características do jornalismo literário, estas podem ser praticadas em programas de TV, no rádio, livros, artigos de jornais e revista, entre outros (PENA, 2011). No Brasil, algumas revistas começaram a trabalhar este gênero e uma das pioneiras foi a *Revista Realidade* (1966-1976), que contou com uma equipe de jornalistas que saiu do cotidiano e inovou com novas técnicas de escrita e estilo para a época. A prática deste gênero também se encontra hoje na revista *Piauí*, que começou a



circular em 2006. Algumas, por serem mensais, e, por disporem de mais tempo conseguem trabalhar este gênero muito bem.

A leitura de um texto passa a ser identificada pelo seu leitor de acordo com a escrita e o estilo da revista, Vilas Boas (1996) acredita que a reportagem proporciona ao veículo maior liberdade em trabalhar a técnica e o estilo. A reportagem é o canal da revista. As revistas que conseguiram com sua equipe escrever reportagens boas e com estas até ganhar prêmios, são até hoje lembradas, é o caso da revista *Realidade*, conhecida como a *escola da reportagem* no Brasil.

3. Revista *Realidade*

3.1 Revista *Realidade*: o berço do jornalismo literário no Brasil

A revista *Realidade* foi criada em 1966 pela Editora Abril, de São Paulo, e circulou até 1976. Mesmo apenas com dez anos de publicações, vendeu milhões de exemplares. A revista mensal era voltada para os mais diversos assuntos e até hoje é um marco na história do jornalismo brasileiro, com sua escrita leve e clara.

As reportagens longas e o texto cuidadosamente escrito fizeram de *Realidade* um marco na história da imprensa brasileira e revelam o interesse da revista em dialogar com um público capaz de compreender e repercutir tal expressão de um jornalismo inovador. (MORAES, 2007, p.17).

Moraes (2007), afirma que a revista foi conhecida por ter um estilo próprio por abordar diversos assuntos que, na época, eram considerados *tabus*. O Brasil estava sob regime militar, e a imprensa não tinha total liberdade, mas *Realidade* atravessou barreiras e ofereceu um padrão de reportagem até então desconhecido no país.

Segundo Scalzo (2003, p.17), *Realidade* chegou em “um tempo que o Brasil precisava se conhecer melhor”. Em plena ditadura militar, a revista propunha produzir reportagens voltadas para a realidade nacional, devido ao momento complexo em que ela surgiu. Neste mesmo argumento, Faro explica a situação.

[...] relações entre os intelectuais brasileiros e a configuração do Estado auditório no período posterior a 1964; as relações entre os jornalistas e o movimento de contestação à ordem autoritária gerada por essa intelectualidade; as relações entre os jornalistas e a Indústria Cultural; as relações de identidade entre o sentido da transgressão e o desenvolvimento acelerado da sociedade urbano-industrial brasileira, com a consequente emergência de segmentos modernos que escaparam, em meados dos anos 60 à cooptação da ordem conservadora. (FARO, 1999, p. 13).

Para Faro (1999), o periódico tinha o papel de dar vida a todos esses problemas, e assim o fez de uma maneira inovadora, iniciando o tempo das grandes reportagens e da investigação jornalística.



Nos dez anos de circulação, Scalzo (2003), diz que *Realidade* atuou com uma equipe de jornalistas que tinham independência e autonomia, e chegavam a trabalhar meses em uma só reportagem, o que resultava em um padrão de qualidade jornalística que é comentado até hoje.

Se *Realidade* foi o ‘berço do jornalismo literário’ no Brasil, o jornalista que integrou esta equipe, José Hamilton Ribeiro pode ser considerado “o bebe do jornalismo literário” no Brasil (PENA, 2011). Pena, disse que José Hamilton é até hoje um dos repórteres mais corajosos da equipe de jornalistas do Brasil.

3. 1. 2 1 A vida de Zé Hamilton no Jornalismo

José Hamilton Ribeiro é reconhecido como um dos maiores jornalistas do Brasil por conquistar muitos prêmios. Além disso, têm experiências na área do jornalismo e histórias para contar. De histórias contadas, é que vivem os jornalistas. E o jornalista brasileiro, com quase 80 anos de idade, e que nasceu na cidade de Santa Rosa do Viterpo, no interior de São Paulo, não tem apenas fatos para contar, tem lembranças.

Zé Hamilton, como é conhecido, cursou Jornalismo na Universidade Cásper Libero, em São Paulo. Segundo a biografia do “Museu da TV”, a trajetória de José Hamilton iniciou na Rádio Bandeirantes de São Paulo. Em seguida, trabalhou em redação de jornal. Em 1962, foi redator-chefe da revista “Quatro rodas” e ingressou na Faculdade de Direito.

Pela revista “Quatro Rodas”, ganhou dois “Prêmios Esso de Jornalismo”. Em 1966 tornou-se editor-chefe da revista *Realidade*, a mais importante da época, e pela qual ganhou mais três “Prêmios Esso de Jornalismo”. Na época já era considerado o maior jornalista brasileiro.

No ano de 1968 foi enviado pela revista *Realidade* para fazer a cobertura da Guerra do Vietnã. Durante esta cobertura o jornalista sofreu grave acidente ao pisar em uma mina e, conseqüentemente, perdeu uma perna. O fotógrafo presente registrou o momento, e a foto foi capa da revista *Realidade*. As histórias e lutas desse momento se tornaram um livro publicado por ele: “*O gosto da guerra*”. Esta reportagem é, até hoje, a mais lembrada do jornalista.

4 ANÁLISE – O CAMINHO PARA A BUSCA DE RESULTADOS

O objetivo geral que norteou este trabalho foi a partir da análise de texto, mapear a presença das características do jornalismo literário em reportagens produzidas pelo jornalista José Hamilton Ribeiro. E assim, analisar, descrever e compreender estas características que se encontram em suas reportagens.



Como orientação, escolheu-se a revista *Realidade* (1966-1976), da Editora Abril, que foi o berço do jornalismo literário no Brasil. A partir disto, o problema apresentado foi: quais as características do jornalismo literário que estão presentes nas reportagens produzidas por José Hamilton Ribeiro publicadas na revista, selecionadas nos primeiros anos da publicação. Além disto, buscou-se identificar como o jornalista se apropriou desse gênero para escrevê-las.

Já a escolha das reportagens deveu-se basicamente por apresentarem conteúdos variados. As reportagens escolhidas estão no primeiro ano da publicação. O período é considerado a mais importante fase da publicação “que vai de seu surgimento em abril de 1966 até a instituição do AI-5 pela ditadura militar em dezembro de 1968” (MORAIS, 2007, p. 18). A opção pelas matérias do primeiro ano da revista se deve pela inovação textual e jornalística implementada por *Realidade*.

Para fazer a análise de texto das reportagens foram utilizadas algumas das características defendidas por autores como Felipe Pena, Vias Boas, Vitor Necchi, Nanamo Sato, Edvaldo Pereira Lima e Tom Wolfe. Os critérios para fazer a análise foram utilizar característica por característica e selecionar alguns trechos como exemplo, de dois a quatro, das reportagens e inserir em cada característica que melhor se adéqua.

No desdobramento das características optou-se por deixar apenas cinco, em vez das dez, devido ao pouco espaço neste artigo. As dez características são a descrição, uso de diálogos, criatividade, construção cena a cena, profunda observação, imersão do repórter na realidade, romper as características burocráticas do *lead*, precisão de dados e informações, reconstruir pensamentos, sentimentos e emoções e uso da metáfora são recursos que foram usados com muita propriedade por José Hamilton Ribeiro. As características mantidas nesse artigo são: Descrição, o uso de diálogo, a precisão de dados e informações, reconstruir pensamentos, sentimentos e emoções e uso da metáfora.

Desmembrando as reportagens

1 Descrição

A descrição é um dos elementos primordiais para a caracterização do jornalismo literário. Inúmeros autores falam dessa alternativa em suas obras. Entre eles encontram-se Vilas Boas (2002) e Pena (2008). Pena cita que a descrição é um potencializador de outros recursos do jornalismo. No caso da matéria “Uma vida por um rim”, por exemplo, José Hamilton Ribeiro vale-se da ferramenta para inserir o leitor leigo, no



mundo da medicina ao detalhar um rim. Ao observar este exemplo, além de outros é perceptível o ganho de realidade na leitura e o aumento da atratividade pelo texto.

Reportagem 1:

“Válter Mendes de Oliveira, 41 anos, três filhos, sócio de uma torrefação em São Paulo, é bastante cuidadoso com a saúde” (REALIDADE, 1967).

“Em novembro de 1964, um ano após ter-se certificado de que tinha uma insuficiência renal irreversível causada por nefrite mal curada, Válter era um homem condenado à morte. Entrara no período final da doença. Não havia no Brasil, tratamento para o seu caso. Mas, no fundo, alguma coisa lhe dizia que dessa ele ainda iria escapar” (REALIDADE, 1967).

Conforme os exemplos foi possível identificar o recurso da descrição, quando José Hamilton Ribeiro, descreve quem é Válter Mendes de Oliveira, o momento em que descobriu a doença. Ao trazer a descrição para escrever a reportagem, ele apresenta ao leitor os personagens, e permite que o texto ganhe mais vida.

Vilas Boas ainda afirma que, “sendo a descrição uma técnica literária básica, não há grande mistério em utilizá-la tanto em textos longos quanto curtos”. E o uso da descrição é também aplicado por José Hamilton Ribeiro, na reportagem seguinte.

Reportagem 2 :

“Num folheto de propaganda exaltou as virtudes da misteriosa bebida. “Ela aviventa o espírito e torna o coração alegre. É boa contra a moléstia dos olhos. Melhor ainda se mantiveres a cabeça sobre a bebida e receberdes o seu vapor. É insuperável para suprir os humores. É, destarte, boa contra as enxaquecas. Também detém o fluxo dos humores crassos que da cabeça dilatam para o estômago e assim atalha a tísica e a tosse dos pulmões. É excelente para prevenir e cura a hidropsia..”. (REALIDADE, p. 111, 1966).

“Na hospitalidade cabocla, o bule de café não sai da beira do fogão. E no caso de visita – nenhuma pode sair sem tomá-lo – o café tem de ser novo, feitinho na hora. Um padre recém-chegado da Espanha foi assumir sua paróquia em Minas e quis, como missão de boa vontade, visitar os fiéis, casa por casa, no primeiro dia. Mas na vigésima segunda visita voltou correndo: nunca tinha tomado tanto café em sua vida”. (REALIDADE, p. 109, 1966).

Nos dois trechos selecionados dessa reportagem, também se encontrou a prática da descrição. No primeiro trecho, o repórter mostrou ao leitor as qualidades do café, já no segundo, descreveu a tradição dos caboclos em tomar café no Brasil. Como é possível encontrar no trecho, essa técnica reforça ainda mais o entendimento por parte do leitor, sobre o café.



Mas, a descrição não esteve presente apenas nas reportagens 1 e 2, na reportagem 3, também se encontrou a utilização desse recurso literário.

Reportagem 3:

“Salomão Nutels, russo, vermelhão, estava de volta para a Ucrânia porque não se dera bem na Argentina. O navio parou em Recife e, nesse mesmo dia, estourava a primeira Grande Guerra. O russo vermelhão, com medo de ser tomado por espião, fugiu para o interior de Alagoas. Na cidadezinha de Laje de Canhoto começou a trabalhar, até que a tempestade passasse. E nunca mais saiu de lá. Assim que pode, mandou buscar a mulher e o filho de nove anos, que ainda nem conhecia”. (REALIDADE, p. 52, 1966).

“Pacaembu lotado. É dia de guerra. O coríntians vai jogar. Os jogadores já poderiam ter entrado em campo, mas acontece que o Coríntians, como boa religião, tem um ritual sagrado antes de casa jogo. Os 11 atletas fazem uma roda em torno do técnico, que estica o braço esquerdo com a mão aberta, palma para cima”. (REALIDADE, p. 53, 1966).

Observou-se que nos dois exemplos selecionados, esta técnica literária se fez presente. No primeiro exemplo, José Hamilton Ribeiro, descreve quem é Salomão Nutels, já no segundo exemplo descreve um estádio de futebol.

Como mostrado nas três reportagens, foi possível identificar a característica da descrição, no jornalismo literário. Sem distinguir qual a que mais apresenta, pois se encontrou a descrição nos três textos. Nas reportagens, além da descrição, outra característica foi encontrada, que é o uso de diálogos.

2 Uso de diálogos

A utilização do discurso direto, da mesma forma que a descrição, tem como principal mérito a ampliação do senso de realidade por parte do leitor. Assim como na mídia eletrônica, jornalisticamente falando, os diálogos são a forma mais tradicional de aferir credibilidade à informação. No caso do autor em questão, essa característica se torna mais aguda, pois a mesma se encaixa tanto para o jornalismo de fato quanto para o aspecto literário do texto. Esta consonância vai de encontro ao que defendem autores como Nanami Sato, Vilas Boas (2002), Vitor Necchi (2007) e Tom Wolfe.

Clássicos exemplos do uso de diálogos por parte de José Hamilton Ribeiro dentro do universo desta pesquisa podem ser observados nas linhas seguintes.

Reportagem 1:

“- Quando me levanto já pago três contos por minha vida”. “-É por causa dos 98 pontos que eu tenho na barriga. Evito qualquer esforço



para impedir uma hérnia. Só pelo rim eu arrastava até um caminhão” (REALIDADE, 1967).

“- O negócio está aí, doutor. A bruxa não vai me engolir assim tão fácil, não”. “- Transplante em cães não é nada, Válter. Em cinco países do mundo já se faz transplante em gente. Mas, infelizmente, essa possibilidade não existe no Brasil, hoje”. (REALIDADE, 1967).

José Hamilton Ribeiro, na construção dessa reportagem, adotou muito o uso de diálogos, que de certa forma, deram ao leitor, um aspecto mais real e fidelidade aos acontecimentos com a presença dos diálogos. No primeiro trecho, é Válter Mendes de Oliveira, dizendo como vive, com apenas um rim. Já no segundo, é Válter informando ao médico de que em outros países já se fazia o transplante de rins. Na reportagem seguinte, o método do diálogo é inserido também.

Reportagem 2:

“- Garçon, dê-me 35 centímetros cúbicos da infusão de uma planta dicotiledônea, da família das rubiáceas, da espécie arábica, na variedade Marogogipe ou Caturra. De preferência a 50 graus, no padrão de bebida estritamente mole”.

O pedido está certíssimo, mas o garçom pode não entender. Então deve-se esclarecer um bocadinho mais:

- Um cafezinho! Bem quente, por favor.” (REALIDADE, p. 109, 1966).

“- Manda servir logo o café, pra ver se esse bicho vai embora...”. (REALIDADE, p. 109, 1966).

Nestes dois exemplos descritos pelo jornalista, fica clara a prática do diálogo. É possível identificar também que José Hamilton Ribeiro, usou nos diálogos, palavras coloquiais, que levam ou mostram uma identificação com o leitor. Na terceira reportagem esse recurso também foi encontrado, mas não foi muito utilizado.

Reportagem 3:

“- Como estrangeiro, munido de carteira modelo 19, toco normalmente a minha vida. Continuo sendo cidadão de primeira classe de um grande país, com o qual não tenho hoje ligação alguma, mas que também não me aborrece”. (REALIDADE, p. 51, 1966).

“- Que naturalização é essa que faz perder a pátria de nascimento ou de sangue e não dá uma pátria nova aquele que satisfaz todos os requisitos de nossa lei? Que naturalização é essa que apenas cria meio-cidadão, humilhando-o com uma desconfiança injusta que desnatura a própria razão do instituto?”. (REALIDADE, p. 52, 1966).

Como mostrou os exemplos, os diálogos apresentam o discurso de naturalizados e apresentam também a posição contra essa naturalização que não trás vantagem alguma. Outro elemento encontrado nas reportagens do jornalista é a precisão de dados e informações, que pode ser verificada nos exemplos a seguir, em cada texto.



3 Precisão de dados e informações

O jornalismo literário tem no seu DNA aspectos como um maior tempo para a execução da reportagem e maior espaço para o texto. E estas duas virtudes permitem ao repórter uma averiguação mais profunda em relação a dados e informações, o que consequentemente gerará um texto mais rico e completo. Esta elaboração só se tornará possível graças à junção de outras marcas do jornalismo literário, tais como a observação profunda e a imersão do repórter na realidade. Como este é um fundamento da prática jornalística, tanto autores que pesquisam o gênero literário como a raiz do jornalismo, a conceituam e defendem, entre eles Lima (1995). Na reportagem de José Hamilton Ribeiro presente nesta pesquisa, a vastidão de dados e informações e a precisão dos mesmos é nítida.

Reportagem 1:

“A escolha do doador é feita levando-se em conta vários fatores. Começa com os de ordem pessoal – idade, sexo, estado civil, responsabilidade pessoal, profissão, estado geral de saúde, função renal, estado psicológico – e passa depois para um estudo comparativo com o doente” (REALIDADE, 1967).

“Em 1955, na Universidade de Harvard, EUA, foi feito o primeiro transplante com êxito, no mundo, entre gêmeos idênticos, com o que se estabeleceu que a operação era possível pelo menos nesses casos. E em 1959, em Boston, fez-se o primeiro transplante entre irmãos não gêmeos. O organismo do doente, para ser aumentada sua resistência à rejeição, foi submetido à aplicação global de raios X, o que não se usa mais”. (REALIDADE, 1967).

Estes exemplos apresentam números, dados, em que foi preciso, por parte do jornalista, muita pesquisa para depois inserir na reportagem, estas informações de maneira clara. Além de trazer ao leitor um texto atraente, o mesmo, não deixa de lado, informações que qualificam ainda mais o texto. Na reportagem 2 este recurso se faz presente também.

Reportagem 2:

“O Brasil é o maior produtor mundial, mas não consumidor. Cada brasileiro toma 6 quilos de café por ano, a metade do que toma um sueco, que é o povo mais entusiasmado por café. Depois vem os EUA (7,13 kg), a Dinamarca (7,11 kg), a Finlândia (6,97 kg), a Noruega (6,79) e depois o Brasil (6,2)”. (REALIDADE, p. 115, 1966).

“E estará servindo, neste mês de setembro, a trigésima bilionésima xícara de café tomada este ano no Brasil. Até dezembro o número vai



a 38,5 bilhões, o equivalente as 8 milhões de sacas que se consomem anualmente no País”. (REALIDADE, p. 109, 1966).

Reportagem 3:

“Com tudo isso, dos 3.247.893 imigrantes que chegaram ao país de 1900 a 1960, apenas 111.576 se naturalizaram. Isto é, pouco mais de 3% do total”. (REALIDADE, p. 51, 1966).

“No Brasil, segundo a Constituição, o naturalizado tem “todos os direitos do brasileiro nato”. Menos 46 coisas, desde ser presidente da República – e esta parece ser uma restrição com a qual todos estão de acordo – até ser prático de balsa do rio Tocantins. Também não pode pregar a bíblia – ou prestar qualquer tipo de assistência religiosa – em cadeias, hospitais, quartéis”. (REALIDADE, p. 56, 1966).

“Os vários países de imigração no mundo reservam um tratamento especial aos estrangeiros que se decidem pela cidadania do país que os acolhe. Em nenhum deles há tantas restrições como no Brasil. Na União Soviética, por exemplo, nem existe o título de cidadão naturalizado. Qualquer pessoa que escolha a cidadania soviética requer ao Praesidium do Soviete Supremo essa condição. Sendo aceito, passa a ser cidadão soviético sem nenhuma restrição. Pode até vir a ser membro do próprio Soviete Supremo”. (REALIDADE, p. 54, 1966).

Como foram apresentadas, as três reportagens apresentam muitas informações que qualificaram ainda mais a reportagem de José Hamilton Ribeiro. Outro recurso utilizado é o visto a seguir.

4 Reconstruir pensamentos, sentimentos e emoções

Tudo o que habita o pensamento e a passionalidade do ser humano é matéria-prima da literatura. E teoricamente tudo que acontece dentro da realidade está na composição do jornalismo. Logo, o trabalho do repórter na prática jornalística em questão é mesclar de forma equilibrada a notícia propriamente dita com uma maquiagem literária. Consequentemente, o autor usará de sua capacidade de empatia para utilizar os pensamentos, sentimentos e emoções dos personagens envolvidos no texto para dar cores ao tecer a sua história. Ao resgatar o sentimento, a emoção, o repórter estaria não só potencializando os recursos do jornalismo, como garantindo profundidade aos relatos, ambas as características do jornalismo literário, segundo Pena (2008). José Hamilton Ribeiro demonstra ter grande simpatia por esta característica e suas matérias exemplificam as teorias de Vilas Boas (2007).



Reportagem 1:

“Do ponto de vista técnico, a operação teve o maior êxito; resta saber se o rim vai começar a funcionar, isto é, se umas gotas de urina vão surgir no ureter, o que geralmente acontece antes de a operação ser concluída. Esse momento é aguardado com toda ansiedade; é o clímax do ato do transplante [...] Mas o diabo é se a urina não vier...[...] Finalmente, acontece: umas gotas de urina pingam na sonda implantada no ureter do doente. Cada médico reprime em si um grito de alegria; o máximo que se permitem é uma troca de sorrisos transmitidos no olhar” (REALIDADE, 1967).

“Eu topo. Tenho certeza de que viverei muito bem com um rim só, como dezenas de milhares de pessoas no mundo. E mesmo que fosse para ficar aleijado, eu toparia assim mesmo”. (REALIDADE, 1967).

Reportagem 3:

“Ser brasileiro por naturalização é uma expressão de vontade, um ato de coragem. Para renegar a terra onde se nasceu e escolher uma outra por pátria, é preciso muito amor, muita decisão, muita crença no futuro da pátria nova”. (REALIDADE, p. 52, 1966).

Este recurso foi encontrado nas reportagens 1 e 3. Para valer-se desta técnica, o jornalista tem de reconstruir estes sentimentos a partir de pesquisas e entrevistas. O uso da metáfora é última característica presente analisada em reportagens de Jose Hamilton Ribeiro.

5 Uso da metáfora

A metáfora está na alma da literatura. E nas reportagens que usa o jornalismo literário não é diferente. No primeiro caso, permite a criação de uma moldura poética e até filosófica a determinado conceito. No segundo, oxigena o texto jornalístico, sendo um recurso que aproxima o leitor da realidade. Pesquisadores como Necchi (2007) e Lima (1995) a defendem. Já José Hamilton Ribeiro a pratica. Observa-se nos seguintes exemplos.

Reportagem 1:

“Afinal, no mundo só há doze grupos de transplante de rim, e ter oportunidade num deles já é motivo de esperança” (REALIDADE, 1967).

“O transplante é capaz de salvá-lo de uma doença terrível, mas uma gripe pode levá-lo à morte”. (REALIDADE, 1967).



Reportagem 2

“Cabra gente brasileira, / descendente da guiné / trocaram as cinco quinas / pelo fumo e o café”. (REALIDADE, p. 109, 1966).

“Café e cigarro há muito que andam juntos, entre nós. Proclamada a independência, passaram a figurar lado a lado – a um ramo de café e uma folha de fumo”. (REALIDADE, p. 109, 1966).

Reportagem 3:

“No princípio eram os índios. Depois vieram os portugueses e a nação brasileira começou a se esboçar”. (REALIDADE, p. 51, 1966).

O uso da metáfora, recurso advindo da literatura, é mais um exemplo desta técnica do jornalismo literário que esteve presente nas três reportagens. Feita esta análise, é possível verificar que a literatura é um recurso que pode ser empregado ao jornalismo de forma a deixá-lo mais interessante, não retirando dele a característica mais importante, que é relatar acontecimentos reais. José Hamilton Ribeiro trabalhou com características do jornalismo literário, e é o que afirmou na entrevista concedida.

Com base nas características analisadas, as que mais estavam presentes nos textos são de Vilas Boas (2002). E a reportagem que mais apresentou as características do gênero é a primeira, “Uma vida por um rim”, pois em quase toda reportagem, o jornalista conseguiu claramente potencializar os recursos do jornalismo, por fazer de uma pauta normal, que não renderia muito assunto e maçante, em um material que despertou a atenção do leitor.

Considerações finais

Dentro do trabalho jornalístico de José Hamilton Ribeiro analisado, há presença de características do jornalismo literário é constante e nítida. Este é um dos pilares de sustentação do enredo e conteúdo das três reportagens analisadas.

Com este método de trabalho, José Hamilton Ribeiro cumpriu com o que o jornalismo literário se propõe: informar, acima de tudo, mas com riqueza de detalhes e de forma criativa. Por ser o precursor deste gênero no Brasil, o mérito do repórter é digno de ser citado, pois com certeza o conjunto de suas reportagens inspirou não só colegas de profissão, como os próprios leitores, que passaram a desejar este tipo de jornalismo, criando um ambiente de mercado para que as empresas de comunicação impressa pudessem investir capital neste tipo de publicação. Prova disto é o grande



número de publicações com base no jornalismo literário surgidas após a revista *Realidade*, da qual José Hamilton Ribeiro foi a maior expressão.

A partir das reportagens avaliadas fica evidente que o jornalismo literário é fonte inesgotável de informação, trazendo consigo, na maioria dos casos, a versão mais completa do que se considera notícia. O ganho ao leitor não fica reduzido apenas ao conteúdo básico de matérias. Recebe ele também uma carga generosa de elementos para uso intelectual, emocional ou mesmo cognitiva, já que a humanização presente neste gênero pode ser um poderoso instrumento de incremento da capacidade de empatia, sabidamente a característica fundamental da inteligência emocional.



REFERÊNCIAS

CASATTI, Denise. **O jornalismo literário encontra-se adormecido**. Disponível em: <http://www.cibersociedad.net/congres2006/gts/comunicacio.php?id=417&llengua=po>
Acesso em: 17 ago. 2011.

CZARNOBAI, Andre Felipe Pontes. **Gonzo: o filho bastardo do jornalismo**. Porto Alegre, 2003.

FARO, José Salvador. **Realidade, 1966-1968: tempo da reportagem na imprensa brasileira**. São Paulo: Ulbra, AGE, 1999.

LIMA, Alceu Amoroso. **O Jornalismo como gênero literário**. 2. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1969.

LIMA, Edvaldo Pereira. **O que é livro-reportagem**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. Campinas. SP. Editora da UNICAMP, 1995.

MIRA, Maria Celeste. **O leitor e a banca de revistas: a segmentação da cultura no século XX**. São Paulo: Olho d'Água, 2003.

MORAES, Letícia Nunes de. **Leituras da revista Realidade: 1966-1968**. São Paulo: Alameda, 2007.

NECCHI, Vitor. A impertinência da denominação “jornalismo literário”. **VII Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação. Intercom**, 29 ago. 2007. Disponível em: www.adtevento.com.br/intercom/2007/resumos/. Acesso em: 21 ago. 2011.

PENA, Felipe. **Jornalismo literário**. São Paulo: Contexto, 2008.

PENA, Felipe. **O jornalismo literário no Brasil**. Entrevistadora: A. Weise, 2011. 1 cassete sonoro (1 hora). Entrevista concedida para elaboração da monografia.

RIBEIRO, José Hamilton. **Elaboração de reportagens para a revista Realidade**. Entrevistadora: A. Weise, 2011. 1 cassete sonoro (30 min). Entrevista concedida para a elaboração da monografia.

SATO, Nanami. **Jornalismo, literatura e representação**. In: GALENO, Alex; SODRÉ.

SCALZO, Marília. **Jornalismo de revista**. São Paulo: Contexto, 2003.

VILAS BOAS, Sergio. **O estilo magazine: o texto em revista**. São Paulo: Summus, 1996.

WOLFE, Tom ; E W Johson. **The New journalism**. New York, Harper & Row, 1973.